

A indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão a partir da documentação museológica: as experiências do curso de Museologia da UFRGS

The inseparability of teaching, research and extension based on museological documentation: the experiences of the Museology course at UFRGS

Ana Carolina Gelmini de Faria¹
Ana Celina Figueira da Silva²

DOI 10.26512/museologia.v11iEspecial.41422

Resumo

O artigo propõe analisar como o curso de Museologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) tem atuado na formação de habilidades e competências do profissional museólogo voltadas a temas da documentação museológica. O processo teórico-metodológico tem sido exercido a partir da indissociabilidade do ensino, da pesquisa e da extensão, fundamentado em duas experiências extensionistas: o programa *Museologia na UFRGS: trajetórias e memórias* (2017- atual) e o projeto *Gestão de Acervos Museológicos da UFRGS* (2018 - atual). Propõe-se, com essas experiências, que os discentes tenham autonomia para diagnosticar e propor estratégias e procedimentos que visem a preservação e difusão de referências culturais, tornando-se multiplicadores do acesso ao patrimônio cultural e da democratização da informação gerada a partir desses bens.

Palavras-chave

Documentação museológica; Documentação Museológica no Curso de Museologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul; Gestão de acervos; Extensão universitária; Indissociabilidade Ensino, Pesquisa e Extensão.

Abstract

The article proposes to analyze how the Federal University of Rio Grande do Sul (UFRGS) Museology Bachelors course has acted in the formation of skills and competences of professional museologists focused on museological documentation themes. The theoretical-methodological process has been exercised from the inseparability of teaching, research and extension, based on two extension experiences: the Museology program at UFRGS: trajectories and memories (2017-current) and the UFRGS Museum Collection Management project (2018 - current). With these experiences, the idea is that students have autonomy to identify, discuss and propose strategies and procedures aimed at the preservation and dissemination of cultural references, becoming multipliers of access to cultural heritage and the democratization of information generated from these sources.

Keywords

Museum documentation; Museological Documentation in the Museology Course at the Federal University of Rio Grande do Sul; Collections management; University Extension; Inseparability Teaching, Research and Extension.

1 Museóloga (UNIRIO), mestre e doutora em Educação (UFRGS). Docente do Curso de Museologia do Departamento de Ciências da Informação da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (DCI/FABICO/UFRGS) e do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio da mesma universidade (PPGMusPa/UFRGS). Coordenadora do programa de extensão "Museologia na UFRGS: trajetórias e memórias" (2017-atual). Membro dos grupos de pesquisa do CNPq "Escritas da história em museus: objetos, narrativas e temporalidades" e do "GEMMUS - Grupo de Estudos em Memória, Museus e Patrimônio".

2 Museóloga (UFRGS) e licenciada em História (UFRGS), mestre em Ciência Política (UFRGS) e doutora em História (UFRGS). Docente do Curso de Museologia do Departamento de Ciências da Informação da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (DCI/FABICO/UFRGS) e do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio da mesma universidade (PPGMusPa/UFRGS). Coordenadora do projeto de extensão "Gestão de Acervos Museológicos da UFRGS" (2018-atual). Membro dos grupos de pesquisa do CNPq "GEMMUS - Grupo de Estudos em Memória, Museus e Patrimônio" e do GADH - "Gestão de Acervos e Direitos Humanos".

Introdução

O curso de graduação em Museologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), vinculado ao Departamento de Ciências da Informação (DCI) da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação (FABICO), foi criado em 2007 com ingresso da primeira turma no início de 2008³.

A estrutura curricular do curso é formada a partir de dois grandes eixos previstos nas Diretrizes Curriculares Nacionais: *Formação Geral Humanística: estudos históricos, culturais e sociais*; e *Formação Específica em Museologia: aspectos teórico-metodológicos e aplicados* (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, 2019). As disciplinas correspondentes à documentação museológica inserem-se no segundo eixo e buscam atender a uma das competências e habilidades específica do egresso, constante no Projeto Pedagógico do Curso de Museologia (PPC) que é a de “[...] realizar operações de registro, classificação, catalogação e inventário de patrimônio natural e cultural” (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, 2019: 12).

Sua grade curricular, até o ano de 2019, era composta por uma única disciplina obrigatória sobre documentação museológica, com carga horária de 60 horas, denominada *Sistemas de Informação e Documentação em Museu*, sob o código BIB03210 com a seguinte súmula: “Sistemas de documentação/informação de acervos museológicos. Tesauroização. Formação, registro, classificação, catalogação, inventário e acondicionamento de coleções. Inventário ambiental” (FABICO, s.d.: doc. eletr.). Os objetivos da disciplina constituem-se em: apresentar aos discentes os conceitos de documento, documentação museológica e informação; identificar as formas de aquisição de coleções museológicas, indicando os procedimentos técnicos da documentação em museus, através de instrumentos de registros e catalogação de acervos. A disciplina também busca refletir sobre a documentação museológica na contemporaneidade.

Também desde o início do curso, tem-se a disciplina BIB03223 - *Tópicos Especiais em Documentação Museológica*, com 30 horas, de caráter eletivo. Entretanto, cabe salientar que seu oferecimento é esporádico, a depender da possibilidade dos professores da área de documentação e que ela foi ofertada pela primeira vez somente em 2015, quando o curso contava com um maior número de docentes com graduação em Museologia. As demandas de documentação museológica para além da disciplina obrigatória eram até então supridas pela eletiva BIB3103 - *Tópicos Especiais em Pesquisa Museológica* que, ao realizar estudos aplicados de pesquisa museológica, perpassa pelos debates e estratégias de gestão documental e de gestão do patrimônio a partir de diretrizes da documentação museológica.

Por tratar-se de disciplina de tópicos, o conteúdo e abordagem da disciplina BIB03223 - *Tópicos Especiais em Documentação Museológica* pode variar a cada edição. As primeiras três vezes que ocorreu teve caráter teórico, com leituras e discussões de dissertações e teses com a temática da documentação museológica no Brasil. No último oferecimento, no primeiro semestre de 2020, a abordagem proposta era teórico-prática, no sentido de que os alunos trabalhariam com o acervo do Museu da Polícia Civil do Rio Grande do Sul, analisando a gestão documental como forma de exercitar os conhecimentos adquiridos na disciplina obrigatória BIB03210 - *Sistemas de Informação e Documentação em*

3 O Conselho Universitário da UFRGS, em reunião realizada no dia 20 de julho de 2007, autorizou a criação do curso de Museologia através da Decisão nº 223/2007. Disponível em: <http://ufrgs/fabico/graduação/museologia/historico>. Acesso em: 20 dez. 2021.

Museu, pré-requisito exigido para cursar essa eletiva. Entretanto, em função da pandemia da Covid19, a disciplina foi cancelada no primeiro semestre de 2020 pelo motivo de que exigia a presença física dos alunos nas dependências do Museu para poder realizar a proposta de trabalho.

Também deve-se considerar que até 2017 não eram desenvolvidos projetos de pesquisa ou de extensão que tivessem a documentação museológica como escopo e, assim, a formação dos alunos nessa área resumia-se, praticamente, a uma disciplina obrigatória durante todo o curso.

Tal situação mudou a partir de reforma curricular implementada em 2019, quando criou-se uma nova disciplina obrigatória para desenvolver os estudos sobre documentação museológica, denominada de BIB03270 - *Sistemas de Informação em Museus* com 45 horas, oferecida na sexta etapa do curso e tendo como pré-requisito a disciplina BIB03210 que passou a denominar-se *Documentação em Museus*, mantendo a carga horária e objetivos anteriormente mencionados, sofrendo pequena alteração em sua súmula, que passou a ser: “Sistemas de documentação de acervos museológicos. Formação, registro, tesauroização, classificação, inventário de coleções museológicas” (FABICO, s.d.: doc. eletr.). A reforma também ampliou a carga horária da disciplina eletiva BIB03223 - *Tópicos Especiais em Documentação Museológica*, que de 30 passou para 60 horas.

A disciplina BIB03270 - *Sistemas de Informação em Museus* foi oferecida pela primeira vez no segundo semestre de 2019 e tem como objetivo refletir sobre a documentação museológica na contemporaneidade, principalmente na disponibilização de informações dos acervos na rede (internet) e identificar formas de organização e recuperação de informações em plataformas digitais de registro e gestão de acervos museológicos, especialmente no Brasil. Fundamenta-se em duas principais questões. A primeira delas, a partir das leituras de Ceravalo (2012) e Ceravalo e Tálamo (2007) é sobre o entendimento do museu como instituição, também, de informação, onde a questão da recuperação dos dados é fundamental, destacando, nesse sentido, a importância do uso de uma linguagem documentária.

A segunda, diz respeito ao direito de acesso ao patrimônio cultural prescrito na Constituição Federal de 1988⁴, que no mundo contemporâneo é proporcionado, cada vez mais, através da Internet. Nesse ponto, ressalta-se a necessidade dos museus disponibilizarem seus acervos na rede, pois trata-se de patrimônio público. Assim, procura-se refletir na disciplina sobre os principais obstáculos que nossas instituições enfrentam para disponibilizar seus acervos de forma digital e apontam-se algumas experiências internacionais e nacionais utilizadas na disseminação da informação e no acesso aos bens culturais.

Essa perspectiva exige do campo museal uma política nacional para acervos digitais de instituições de memória que propicie um “[...] cenário que conecte não apenas objetos culturais, mas que seja também indutor de um contexto de conexão entre ideias, habilidades e experiências [...]” (DIAS; MARTINS, 2020:27). De acordo com Ávila, Silva e Cavalcante (2017) o número de repositórios digitais cresce de forma consistente, tendo por uma das grandes motivações os movimentos de acesso livre à informação. Apontam, ainda, outros

4 O direito do cidadão de acesso à cultura e suas fontes é contemplado no artigo 215 da Constituição Federal de 1988, onde é previsto que: “O Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais.” (BRASIL, 1988, doc. eletr.). No mesmo sentido, o artigo 23 da Constituição Federal, inciso V, declara competência das esferas governamentais, “[...] proporcionar os meios de acesso à cultura [...]”. (BRASIL, 1988: doc. eletr.).

fatores de influência como o desenvolvimento tecnológico e políticas de preservação e custódia de produções científicas por meio desse serviço de gestão do conhecimento. Masson (2008) analisa:

O impacto da tecnologia digital na comunicação tecno-científica sublinhou as questões relacionadas com o gerenciamento, a perenidade dos registros do conhecimento científico e sua acessibilidade. As estratégias e a metodologia para a preservação digital envolvem procedimentos de manutenção e recuperação de dados, no caso de perdas acidentais, e a garantia da mídia e da estabilidade do conteúdo, da acessibilidade através do tempo. [...] Os requisitos para a preservação digital envolvem a fixação dos limites do objeto a ser preservado, preservação da presença física, do conteúdo, da apresentação, da funcionalidade, da autenticidade, da possibilidade de localizar e rastrear o objeto digital ao longo do tempo, preservação da proveniência e do contexto. (MASSON, 2008: 118-119)

A autora salienta, ainda, que o uso crescente de repositórios digitais levou à necessidade do uso de padrões internacionais de arquivamento e metadados a fim de constituir estratégias de preservação digital de documentos. Entre recomendações e diretrizes, destaca:

1º) reconhecimento da responsabilidade inicial do produtor na preservação de seus documentos; 2º) ampliar a consciência e a compreensão dos conceitos relevantes para a preservação de objetos digitais, especialmente entre instituições não arquivísticas; 3º) definir terminologias e conceitos para descrever e comparar modelos de dados e arquiteturas de arquivos; 4º) identificar as responsabilidades da instituição arquivística; 5º) adotar diretrizes adequadas para a seleção dos objetos digitais a serem preservados e ampliar o consenso sobre os elementos e os processos relacionados à preservação e acesso à informação digital; 4º) proteger os itens arquivados de alteração intencional e não intencional; 5º) fornecer descrição do contexto incluindo histórico de criação, transferência e uso, e registros de auditoria, criando um esquema para orientar a identificação e o desenvolvimento de padrões; 6º) descrever de forma completa os objetos digitais. (MASSON, 2008: 120)

Identifica-se nesse processo a importância de padrões alinhados à uma política de gestão de metadados que potencializem a interoperabilidade dos acervos na internet. Importante salientar que o processo de disponibilização de um acervo digital exige uma gestão contínua do processo de preservação, pesquisa e disseminação da informação. De acordo com o Instituto Brasileiro de Museus (Ibram), a publicação *on-line* dos acervos culturais tem como vantagem:

- Informações mais acessíveis e rapidamente localizáveis;
- Possibilidade de enriquecimento da informação sobre os acervos, por meio da conexão com projetos e com conteúdos específicos, de forma colaborativa com outras áreas do museu e da sociedade;
- Possibilidade de vinculação com informações já existentes e de reutilização dos acervos digitais em diferentes contextos e mídias, além de outras áreas e funções da instituição: como marketing, educação, etc.;
- Facilidade de internacionalização dos acervos, agregando valor e relevância social a sua instituição;
- Em um mundo cada vez mais digitalizado, materiais digitais terão maior durabilidade futura. (INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS, 2020: 19-20)

A disciplina BIB03270 - *Sistemas de Informação em Museus* tem por desafio debater os temas acima elencados e, para aprofundamento teórico-metodológico, tem apresentado diferentes sistemas de informação aplicados às

necessidades do campo museal, destacando-se o uso da plataforma Tainacan⁵, principalmente, pelos museus do Ibram e as experiências de uso desse *software* realizadas no curso de Museologia a partir do programa de extensão *Museologia na UFRGS: trajetórias e memórias*, iniciado em 2017 e do projeto de extensão *Gestão de Acervos na UFRGS*, desenvolvido a partir de 2018.

O programa e projeto de extensão acima indicados foram fundamentais para a percepção da necessidade de aumentar a carga horária de formação em documentação museológica no curso, possibilitando a inserção de novas temáticas, como a questão apontada da disponibilização digital dos acervos museológicos. Ou seja, foram as atividades de extensão que alavancaram o debate sobre a possibilidade de criação de uma nova disciplina e o aumento da carga horária das já existentes, possibilitando a interconexão entre ensino, pesquisa e extensão na área de estudo de documentação museológica. Cabe salientar que o princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão está expresso no Plano de Desenvolvimento Interno da UFRGS (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, 2016), ao qual o Projeto Pedagógico do Curso de Museologia alinha-se. As iniciativas extensionistas, ainda vigentes, representam uma possibilidade de exercício aos discentes das questões relacionadas à gestão documental trabalhadas em sala de aula e tem permitido conhecer diferentes tipologias de coleções que integram a Rede de Museus e Acervos da UFRGS (Remam).

A Remam foi criada em 2011⁶ com o objetivo de “potencializar e qualificar a atuação museológica, [...] atuando como aglutinador dos diferentes espaços museais da Universidade, [...] de modo a favorecer a mediação, parceria, intercâmbio de informações e incentivo à qualificação” (SOUZA, FAGUNDES, LEITZKE, 2014: 4-5). Atualmente a Remam é composta por 34 espaços⁷ que salvaguardam diferentes tipos de coleções originadas das atividades de ensino, pesquisa e extensão desenvolvidas ao longo da história da UFRGS⁸. Os registros textuais, imagéticos e tridimensionais salvaguardados em diversas unidades da UFRGS permitem, portanto, vislumbrar o desenvolvimento da produção do conhecimento em diversas áreas, bem como os recursos didáticos utilizados no ensino em sala de aula e laboratórios. Representam a trajetória do ensino universitário e as pessoas a ele relacionado, adquirindo, nesse sentido, valor

5 O Tainacan é uma plataforma de código aberto para a criação de repositórios digitais e difusão dos acervos em mídias digitais. Apresenta-se como um *plugin* e um tema da plataforma *WordPress*, pensado como espaço de convergência, permitindo a interoperabilidade entre diferentes sistemas de informação. Desenvolvido a partir de uma parceria entre o então Ministério da Cultura (MinC) e o Laboratório de Políticas Públicas Participativas (L3P) da Universidade Federal de Goiás, em 2014, sob a coordenação do professor Dalton Lopes Martins. Desde 2016, para viabilizar a disponibilização dos acervos museológicos na internet, o Ibram estabeleceu parceria com a Universidade Federal de Goiás (UFG) no desenvolvimento do *software* Tainacan, o que “viabilizou a customização [dessa] ferramenta para atender às necessidades de catalogação e difusão dos acervos dos museus do IBRAM” (INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS, s.d.: doc. eletr.). A primeira coleção publicizada de forma online através da plataforma Tainacan foi a coleção de pintura do acervo museológico do Museu Histórico Nacional. Atualmente, conforme Oliveira e Feitosa (2021: 87): “os números do Projeto Tainacan no âmbito do IBRAM são: 24 museus participantes; 20 museus com acervos disponibilizados; mais de 200.000 itens catalogados; mais de 16.000 disponibilizados para consulta.”

6 A Remam foi criada em 7 de dezembro de 2011 através da Portaria nº06493, sob a coordenação do Museu da UFRGS.

7 Os espaços da Remam podem ser verificados em: <https://www.ufrgs.br/remam/espacos-da-remam/>. Acesso em: 20 dez. 2021.

8 A Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) tem sua história iniciada em 1895, com a fundação dos que viriam a ser seus primeiros cursos, e é formulada enquanto universidade em 1934, com o nome de Universidade de Porto Alegre. Sua federalização ocorreu em 1950, passando à esfera administrativa da União.

A indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão a partir da documentação museológica: as experiências do curso de Museologia da UFRGS

histórico, científico e cultural. Portanto, essas evidências materiais, ao serem musealizadas, constituem-se em patrimônio público, devendo ser preservado, o que envolve muitas ações, inclusive a sua divulgação à comunidade, principalmente acadêmica.

O curso de Museologia da UFRGS, através de proposições de disciplinas e projetos de pesquisa e extensão, tem procurado colaborar na preservação das coleções universitárias, visando a difusão do conhecimento produzido a partir desse patrimônio. Contexto em que se insere o programa *Museologia na UFRGS: Trajetórias e Memórias* e o projeto *Gestão de Acervos Museológicos da UFRGS*, que levaram à criação de nova disciplina de documentação, como antes mencionado.

A indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão a partir da documentação museológica

O programa de extensão *Museologia na UFRGS: Trajetórias e Memórias*, criado em 2017, tem entre seus objetivos preservar os diferentes registros que evocam as memórias da Museologia da UFRGS. Partiu-se da premissa de que esses indícios potencializam investigações sobre o profissional museólogo, a formação em Museologia no Ensino Superior, o campo museal no Rio Grande do Sul, a produção acadêmica museológica no Brasil e que, enquanto militantes em prol da preservação, pesquisa e difusão da memória social e do patrimônio cultural, discentes, docentes e corpo técnico-administrativo envolvido com a formação não poderiam corroborar com um processo de dissociação e perda de informação de fontes documentais vinculadas a esses processos⁹. A iniciativa centra-se em quatro etapas norteadoras (Figura 1):

Figura 1 - Etapas do programa de extensão *Museologia na UFRGS: Trajetórias e Memórias*



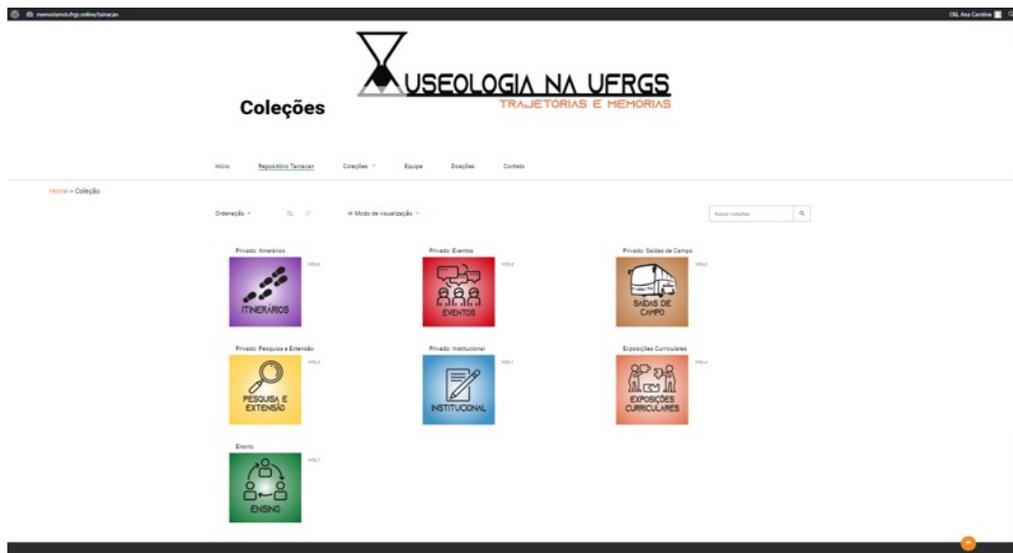
Fonte: Museologia na UFRGS: trajetórias e memórias, s.d.

Para a execução das etapas metodológicas sete coleções foram planejadas como linhas mestras do acervo (coleções-guia): Institucional; Ensino; Eventos; Extensão e Pesquisa; Exposições Curriculares; Saídas de Campo; Itinerários (Figura 2). Definidas as linhas temáticas de coleta museal, o desafio foi traçar um processo teórico-metodológico voltado para gestão de acervos, estabelecendo

⁹ Atualmente a equipe do programa de extensão é composta por: professora Ana Carolina Gelmini de Faria (coordenadora), museólogo Elias Palminor Machado (vice-coordenador), museóloga Alahna Santos da Rosa, professora Ana Celina Figueira da Silva, arquivista Bruna Argenta Model, discente Diogo Santos Gomes, museóloga Lourdes Maria Agnes, professora Marlise Maria Giovanaz, museóloga Priscila Chagas de Oliveira e professora Vanessa Barrozo Teixeira Aquino. Conta também, em caráter rotativo, com bolsistas e bolsistas-evento. O programa conta com o apoio do Laboratório de Pesquisa e Extensão Museológica (Lapem) do curso de Museologia.

diretrizes e padrões entre a equipe a fim de assegurar que as informações vinculadas aos itens preservados fossem documentadas e facilmente recuperáveis. Para suprir a demanda foi desenvolvida uma Política de Acervo que contemple as práticas de incorporação e descarte de acervo (critérios de incorporação, formas de aquisição, critérios para descarte, informativo ao doador) e rotinas para a gestão do acervo, bem como foi selecionado um sistema de informação capaz de potencializar os estudos quanto à digitalização, à disponibilização e à preservação de acervos culturais em meio digital.

Figura 2 - Layout das linhas mestras do acervo (coleções-guia)



Fonte: Museologia na UFRGS: trajetórias e memórias, s.d.

Cabe destacar que o programa foi concebido alinhado à Resolução Normativa nº 2 do Ibram de 29 de agosto de 2014, relativa ao Inventário Nacional dos Bens Culturais Musealizados (INBCM). Esta resolução estabelece os elementos descritivos de acervos museológico, bibliográfico e arquivístico a serem declarados ao Inventário Nacional (INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS, 2014). Como elementos de descrição para identificação do bem cultural de caráter museológico, adaptados ao contexto do programa de extensão, foram selecionados os seguintes metadados:

- a) número de registro - informação obrigatória do registro individual definido pelo museu para identificação e controle do objeto dentro do acervo;
- b) outros números - informação facultativa de numerações anteriores atribuídas ao objeto, tais como números antigos e números patrimoniais; [...]
- d) denominação - informação obrigatória do nome que identifica o objeto; [...]
- f) autor - informação obrigatória do nome do autor do objeto (individual ou coletivo);
- g) classificação - informação facultativa da classificação do objeto segundo o "Thesaurus para Acervos Museológicos ou outros vocabulários controlados";
- h) resumo descritivo - informação obrigatória do resumo da descrição textual do objeto, apresentando as características que o identifique inequivocamente e sua função original;
- i) dimensões - informação obrigatória das dimensões físicas do objeto, considerando-se as medidas bidimensionais (altura x largura); tridimensionais (altura x largura x profundidade); circulares (diâmetro x espessura) e peso;
- j) material / técnica - informação obrigatória dos materiais do suporte que compõem o objeto, hierarquizando sempre a sua maior área confeccionada/manufaturada e a técnica empregada na sua manufatura;
- k) estado de conservação - informação obrigatória do estado de conservação em que

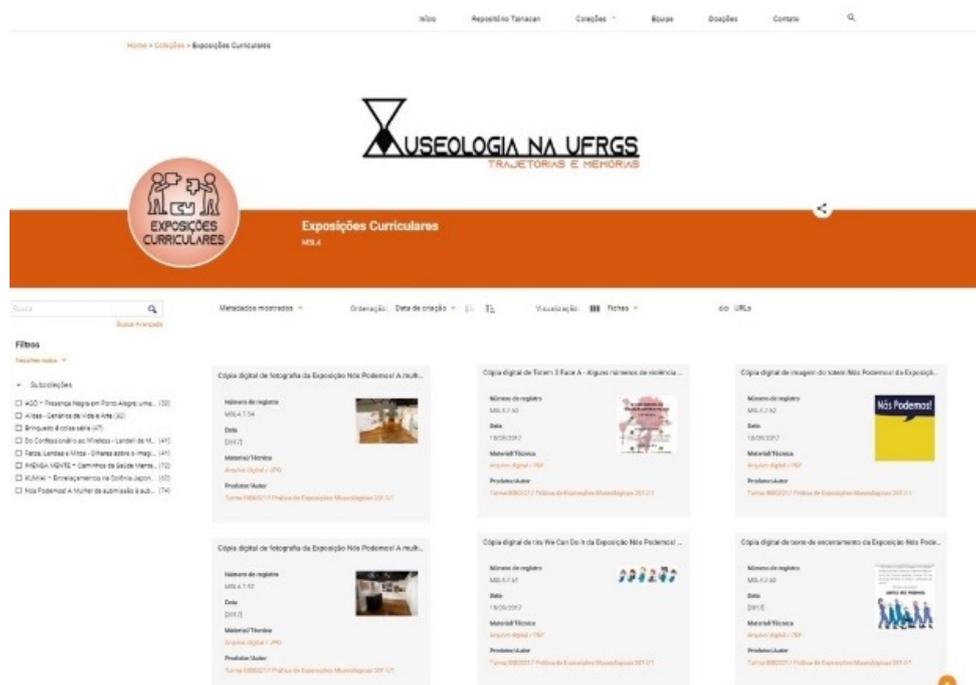
A indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão a partir da documentação museológica: as experiências do curso de Museologia da UFRGS

se encontra o objeto na data da inserção das informações; [...] n) condições de reprodução - informação obrigatória com a descrição das condições de reprodução do objeto, indicando se há alguma restrição que possa impedir a reprodução/divulgação da imagem do objeto nos meios ou ferramentas de divulgação; o) mídias relacionadas - informação facultativa acerca da inserção de arquivos de imagem, sons, vídeos e/ou textuais relacionados ao objeto. (INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS, 2014: doc. eletr.).

Para a gestão de metadados e interoperabilidade dos acervos na internet a equipe do programa de extensão *Museologia na UFRGS: trajetórias e memórias* selecionou como repositório digital o Tainacan, idealizado no contexto de novas práticas de preservação da memória na era da cultura digital (Figuras 3 e 4). De acordo com Martins e Carvalho Júnior (2016) a virada do séc. XXI tem como uma de suas marcas a possibilidade de a sociedade civil produzir e gestar coleções de objetos digitais de seu interesse em sistemas de alta disponibilidade de serviços. Essas experiências tiveram ressonâncias no campo museal, tornando emergencial que as instituições elaborem e executem estratégias de acesso qualificado a informações em domínio público, integração das bases de dados e a digitalização dos acervos instituídos.

Observar a memória como prática e compreender como ela se insere na cultura digital é uma maneira de repensarmos os modelos tradicionais das instituições custodiais e sua função pública, a fim de entendermos de forma mais clara e objetiva os efeitos da socialização promovida pelas redes digitais. De certo, novas políticas públicas se fazem necessárias, sobretudo aquelas que entendem o valor cultural, simbólico, material e econômico do que está aqui em jogo. O patrimônio cultural dos povos e nações, bem como o desenho social daquilo que será considerado memória, hoje passa pelas mediações dos sistemas de informação digitais e seus algoritmos [...] (MARTINS; CARVALHO JÚNIOR, 2016: 51)

Figura 3 - Layout do repositório digital Tainacan do programa de extensão *Museologia na UFRGS: trajetórias e memórias*



Fonte: Museologia na UFRGS: trajetórias e memórias, s.d.

Figura 4 - Layout da página de um item do programa de extensão Museologia na UFRGS: trajetórias e memórias no repositório Tainacan

Início > Coleções > Exposições Curriculares > Cópia digital de Logotipia da Exposição Nós Podemos! A mulher da submissão a subversão

Cópia digital de Logotipia da Exposição Nós Podemos! A mulher da submissão a subversão [Voltar](#)

Miniatura



Localização
Servidor da UFRGS

Material/Técnica
Arquivo digital / PDF

Produtor/Autor
Vanessa de Oliveira Veloso

Procedência
Porto Alegre, RS, Brasil

Comentários/Dados Históricos (Descrição Extrínseca)
Logotipia da exposição Nós Podemos! a mulher da submissão à subversão criada a partir do cartaz We Can Do It. Esta identificou toda documentação, folheteria impressa e eletrônica emitida pela Curadoria compartilhada da exposição. Suas cores também foram utilizadas nas plotagens e ambiente expositivo.

A mulher retratada na ilustração era conhecida como Rosie, the riveter (Rose, a rebiteadora). Rose Will Monroe foi de fato uma rebiteadora da indústria pesada e a ideia de tê-la como modelo para a propaganda era de que o maior número possível de mulheres de identificassem com ela e seguisse seus passos. O fato é que o conceito da propaganda era desconstruir a ideia do feminino como sexo frágil com o intuito de preencher as vagas masculinas (de chão de fábrica, braçais) na indústria. Simples assim. E quem saber? Funcionou! Nos EUA, em 1890, a porcentagem total de mulheres na força de trabalho era de 17% e em 1944, já era 35,4%.¹⁹ Em 1945, mais de 2,2 milhões de mulheres estavam trabalhando nas indústrias de guerra, a construção de navios, aeronaves, veículos e armas.
Hoje o cartaz da Rosie é identificado como símbolo da luta do feminismo. A luta não acabou para os dias de hoje, muitas mulheres ainda não atingiram equiparações salariais, ainda sofrem preconceito e hostilização por atuar numa área dita como "masculina". Apesar de terem maior nível de instrução (graduação, pós E especialização).

Compartilhar
[f](#) [t](#) [g+](#)

Título
Cópia digital de Logotipia da Exposição Nós Podemos! A mulher da submissão a subversão

Número de registro
MSL4.7.1

Classificação
Não se aplica

Tags
2017 | exposição | feminismo | logo | logotipia | mulher | Museologia | museu | Nós Podemos! | UFRGS

Subcoleções
Nós Podemos! A Mulher da submissão à subversão

Outros números
Sem informação

Data
2017

Estado de conservação
Ótimo

Mídias relacionadas
Não se aplica

Condições de reprodução
Autorizada, desde que citada a fonte

Legenda: Descritores - Miniatura; Título; Número de registro; Classificação; Tags; Subcoleções; Outros números; Data; Dimensões; Localização; Material/técnica; Produtor/autor; Procedência; Descrição física do objeto (descrição intrínseca); Comentários/dados históricos (descrição extrínseca); Estado de conservação; Mídias relacionadas; Condições de reprodução. Fonte: *Museologia na UFRGS: trajetórias e memórias*, s.d.

A partir do programa de extensão e consequente utilização da ferramenta Tainacan novas metodologias de desenvolvimento fundamentadas em conteúdo da grade curricular do curso de Museologia promoveram estratégias de gestão de acervos com diferentes naturezas, tornando-se uma ferramenta didática que aproxima o exercício profissional das demandas do mercado de trabalho que atualmente exigem conhecimentos aprofundados de gestão de acervos articulados com tecnologias da informação e comunicação (Figura 5).

Figura 5 - Discentes atuando no programa de extensão Museologia na UFRGS: trajetórias e memórias



Fonte: *Museologia na UFRGS: trajetórias e memórias*, s.d.

A indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão a partir da documentação museológica: as experiências do curso de Museologia da UFRGS

A equipe envolvida acredita que esse projeto é uma demonstração da indissociabilidade entre ensino, pesquisa, extensão. Ensino, porque as decisões teórico-metodológicas são trabalhadas em disciplinas de Documentação, Sistemas de Informação e Pesquisa Museológica da graduação em Museologia, sendo o programa um objeto de estudo sobre gestão de acervos. A pesquisa justifica-se na investigação não só dos itens de informação, mas das estratégias e recursos a serem incorporados na ação, como a decisão do repositório digital. A extensão é sua essência, oportunidade de contatar sujeitos da comunidade acadêmica e significar a cultura material.

Cabe destacar que, por ser uma atividade de extensão, a equipe tem por intenção que o programa *Museologia na UFRGS: trajetórias e memórias* não somente colabore na capacitação de conteúdo e habilidades técnicas dos futuros profissionais, mas, especialmente, potencialize o interesse desses discentes pela democratização de conhecimentos e sua aplicabilidade social. Os discentes se tornam multiplicadores desse aprendizado (Figura 6), muitos ao atuarem em museus e coleções de caráter museológico se tornam propositores de um exercício museal de ampla participação social comprometido com a democratização da informação.

[...] processo educativo e científico, ao fazer extensão estamos produzindo conhecimento, mas não qualquer conhecimento, um conhecimento que viabiliza a relação transformadora entre a Universidade e a Sociedade e vice-versa. Uma extensão que é experiência na sociedade, uma práxis de um conhecimento acadêmico, mas que não se basta em si mesmo, pois está alicerçada numa troca de saberes, popular e acadêmico, e que produzirá o conhecimento no confronto do acadêmico com a realidade da comunidade (SER-RANO, 2006: 11).

Figura 6 - Discentes apresentando o programa de extensão em eventos e atividades extensionistas



Fonte: *Museologia na UFRGS: trajetórias e memórias*, s.d.

O trabalho desenvolvido no programa *Museologia na UFRGS: trajetórias e memórias*, com a discussão realizada pela equipe sobre a classificação das coleções, a seleção dos itens descritivos, bem como do *software* de divulgação utilizado, estabeleceu as bases metodológicas que seriam utilizadas a partir de 2018 no projeto de extensão *Gestão de Acervos Museológicos da UFRGS*. O objetivo geral deste projeto é colaborar com as unidades da UFRGS que salvaguardam coleções museológicas, bem como aquelas com potencial de serem musealizadas, visando a organização das informações e sua publicização na web¹⁰.

O projeto *Gestão de Acervos Museológicos da UFRGS*, no ano de 2021, atuou no Museu de Ciências Naturais da UFRGS (Mucin) e no Museu do Observatório Astronômico, ambos pertencentes à Remam, além de acompanhar os trabalhos da equipe da Faculdade de Medicina que está organizando seu futuro Memorial. Entretanto, as experiências que iremos destacar referem-se aos dois primeiros trabalhos desenvolvidos no projeto. Inicialmente em 2018, junto ao Acervo Museológico dos Laboratórios de Ensino de Física (AMLEF); e, em 2019, na Pinacoteca Barão de Santo Ângelo do Instituto de Artes¹¹ (PBSA), por terem sido fundamentais na consolidação da metodologia de trabalho, no aprendizado do uso da ferramenta Tainacan e na proposição da disciplina BIB03270 - *Sistemas de Informação em Museus*.

Os Laboratórios de Ensino de Física do Instituto de Física (LEF) da UFRGS abrigam uma série de instrumentos e experimentos didáticos de diversificada composição material (vidro, madeira, plásticos, metais, couro), relativo a várias áreas da Física e ciências afins, como Física Atômica ou Moderna, Metrologia, Astronomia, Química, entre outras. Grande parte desses instrumentos, cerca de 330 itens, constitui o AMLEF do Instituto de Física da UFRGS, e que foi “[...] organizado com a missão de contar a história da educação científica praticada pelo Instituto de Física (IF) da UFRGS” (SOUZA, FAGUNDES, LEITZKE, 2014: 19). Parte do acervo está exposto em vitrines localizadas nos corredores do prédio dos Laboratórios e o restante do material, na sala dos técnicos¹².

A escolha de iniciar o projeto junto ao AMLEF deu-se em função do prévio contato com o acervo proporcionado a partir de pesquisa de algumas peças de caráter museológico realizada pelos discentes do curso de Museologia/UFRGS na disciplina eletiva BIB03103 - *Tópicos Especiais em Pesquisa Museológica*, que aconteceu no segundo semestre de 2017¹³ (Figura 7). Embora essa disciplina não tenha como foco a documentação museológica, os alunos foram orientados a elaborar um dossiê contendo artigos com o resultado da pesquisa museológica realizada incluindo uma ficha catalográfica com informações intrínsecas e extrínsecas de cada um dos objetos investigados, com manual de preen-

10 Atualmente a equipe do programa de extensão é composta por: professora Ana Celina Figueira da Silva (coordenadora), museólogo Elias Palminor Machado (vice-coordenador), professora Ana Carolina Gelmini de Faria, discente Vinícius Bard Mathias de Souza. O projeto conta com o apoio do Laboratório de Pesquisa e Extensão Museológica (Lapem) do curso de Museologia.

11 O acervo do AMLEF encontra-se disponível em: <https://www.ufrgs.br/amlef/>. Acesso em: 23 de dez. de 2021. O da Pinacoteca pode ser verificado em: <https://www.ufrgs.br/acervopbsa/>. Acesso em: 23 ago. 2021.

12 Localizado na Avenida Bento Gonçalves, 9500, bairro Agronomia, Porto Alegre/RS. Os LEF ficam no Prédio 43125-41, também conhecido como Prédio H.

13 As peças pesquisadas foram: Barógrafo Short & Mason (AMLEF018), Experimento da Gota de Óleo de Millikan (AMLEF022), Interferômetro de Michelson e Fabry-Perot (AMLEF023), Metro Padrão (AMLEF021), Telégrafo Morse (AMLEF017), Voltímetro/ Amperímetro (AMLEF016), e Wattímetro Griffin & George L 94-500 (AMLEF015).

A indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão a partir da documentação museológica: as experiências do curso de Museologia da UFRGS

chimento¹⁴ (Figura 8). Também nesse mesmo semestre de 2017, uma discente do curso de Museologia realizou sua atividade de estágio curricular obrigatório no AMLEF, onde identificou a inexistência de controle do acervo e realizou um arrolamento das peças.¹⁵

Figura 7 - Discentes dialogando com docentes aposentados do Instituto de Física para obtenção de informações extrínsecas dos itens pesquisados no AMLEF



Fonte: Das autoras, 2017.

14 O dossiê *O acervo museológico do Laboratório de Ensino de Física: um exercício de pesquisa museológica*, resultado final da edição de 2017/2 da disciplina eletiva BIB03103 - *Tópicos Especiais em Pesquisa Museológica*, foi entregue em janeiro de 2018 diretamente ao corpo institucional do Laboratório de Ensino de Física e direção do Instituto de Física. Caso tenha interesse de obtê-lo, sugere-se encaminhar um e-mail às autoras solicitando a versão digital do trabalho.

15 Para mais informações sobre o processo de pesquisa realizado na disciplina BIB03103 - *Tópicos Especiais em Pesquisa Museológica* e resultados obtidos, sugere-se a leitura de um artigo derivado de uma das investigações executadas: PIRES, Kimberly Terrany Alves; FARIA, Ana Carolina Gelmini de. Pesquisa museológica: uma ferramenta para a produção de conhecimento científico e educativo - um estudo de caso no Acervo Museológico dos Laboratórios de Ensino de Física da UFRGS. *Museologia e Patrimônio*, v.13, n.1, 2020. Disponível em: <http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/view/798/724>. Acesso em: 29 dez. 2021.

Figura 8 - Layout da ficha catalográfica proposta pelos discentes para o AMLEF¹⁶

APÊNDICE A - FICHA DE IDENTIFICAÇÃO DE ACERVO TRIDIMENSIONAL

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
FICHA DE IDENTIFICAÇÃO DE ACERVO TRIDIMENSIONAL

Número de Registro: [Sem informação]
Número de Inventário: INTERFERÔMETRO DE MICHELSON E FABRY-PEROT
Número de Patrimônio: 034215
Outros Números: Inventário 1994; e Inventário 2000/2001
Denominação: Interferômetro
Título: M-4 Interferômetro de Michelson e Interferômetro de Fabry-Perot
Classificação: Instrumento Científico; INSTRUMENTO CIENTÍFICO DE MEDIDA
Área do conhecimento: Física/ Óptica.
Situação: Localizado Empréstado Não Localizado Excluído
Localização: Prédio 43-125-H1, Vitrine 1, Prateleira 1
Fabricante/Autor: CENCO INSTRUMENTS CORPORATION
Local de Produção: Estados Unidos
Data de Produção: [19-]
Tipo de Aquisição: Compra
Data de Aquisição: [1900-70]
Dimensões:
Altura: Largura:
Profundidade/espessura: Diâmetro:
Peso:

placa metálica com a logomarca da UFRGS, inscrito "UFRGS 034215", número de patrimônio deste objeto dentro da universidade.

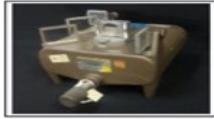
Na lateral direita do equipamento aparecem dois parafusos sem cabeça metálicos. Na parte de baixo do objeto, os pés têm pequenas cavidades circulares em sua base, evidenciando que possivelmente haveria uma peça parafusada neste local, que possibilitava mudar a inclinação da base a partir dos pés, assim como é comum em aparelhos semelhantes e do mesmo período de fabricação.

Dados históricos (Descrição Extrínseca):

O primeiro interferômetro foi citado por Albert Michelson (Físico) e Edward Morley (Físico e Químico), pesquisadores americanos, o teste ocorreu entre 1880 e 1890, conhecido inicialmente como experimento de Michelson-Morley. Esta tecnologia foi importante para as descobertas realizadas por Albert Einstein sobre a teoria da relatividade, proporcionando seu prêmio Nobel em 1907. Em 2017 o Prêmio Nobel de Física foi para os cientistas americanos Rainer Weiss, Kip Thorne e Barry Barish, pois realizaram contribuições importantes detectando ondas gravitacionais, utilizando principalmente a tecnologia do interferômetro a laser.

Durante as décadas de 1960 e 1970 a Universidade Federal do Rio Grande do Sul adquiriu o Interferômetro de Michelson e Fabry-Perot, equipamento completo, disponível no catálogo da empresa Cenco. Este equipamento era comumente utilizado nas cadeiras de Laboratório Avançado I (antigamente) e Laboratório de Física Moderna (atualmente), as turmas tinham em média 15 alunos, e geralmente eram utilizados dois aparelhos iguais para as demonstrações, os alunos trabalhavam em duplas para observar o experimento.

Restaur: [sem informação]



Materiais: Metal, Vidro e Polímero.
Estado de Conservação:
 Ótimo Bom Regular Ruim Péssimo

Descrição física do objeto (Descrição Intrínseca):

O Interferômetro é composto de uma base de metal retangular de tom acinzentado, erguida a partir de três pés, dois na parte frontal e um traseiro. A parte frontal apresenta um regulador giratório com a seguinte inscrição "The L.S. Starrett Abbot Mass. U.S.A. Nº203-8F e graduação de "0 a 45", na base onde está fixado o regulador encontram-se três etiquetas, uma metálica e duas em papel, a primeira da esquerda para direita, tem a inscrição "UFRGS Inventário 1994", a metálica "ATOMIC LABORATORIES INC, Cenco Instruments Corporation, M-4 Interferometer", seguida das letras "A" e "L" apresentadas dentro do símbolo do infinito. A última etiqueta é em papel com margem vermelha, com inscrição inglesa: É possível observar o sistema mecânico do botão pela parte de baixo do aparelho.

A base superior do lado esquerdo é composta por dois vidros fijos (um deles é semi-reflexivo e o outro está lascado no centro superior) em formato retangular (5,2cm X 4cm) direcionado na diagonal da base, com molduras em metal, estando paralelos entre si, logo atrás, ainda neste eixo encontram-se um espelho quadrado (4cm X 4cm) paralelo à base, com moldura em metal e regulagem de ângulo a partir de um parafuso localizado no lado do espelho.

No centro da base superior há um suporte metálico com um vidro circular (3cm) no centro, esta peça está conectada a outro suporte semelhante com um espelho circular (3cm) no centro, ambas são reguladas a partir do movimento da base do objeto, proporcionado com um botão de empurrar. Exato na base superior do objeto, atrás do espelho, que possibilita que a base se divida em duas partes e coma para trás dentro de duas carretelas internas do aparelho, a parte móvel da base tem cerca de 2/3 (11,5cm) da área superior.

A base superior do lado direito apresenta um espelho quadrado (4cm X 4cm) original aos demais, com moldura metálica preso à base e com regulagem de ângulo a partir de um parafuso localizado exc do espelho. Na base superior, localizada na parte central, ao fundo, há uma etiqueta em papel azul com logomarca da UFRGS, inscrito "UFRGS Inventário 2000/2001". Ao lado direito desta, há uma

IFSCAUSP, Laboratório Avançado de Física, Interferômetro de Michelson, Maio 2013. Doc. Eletr. Disponível em: <http://www.ifsc.usp.br/~lavf2/Docs/Arquivos/magnetoMichelsonMichelson_1.pdf>. Acesso em 2 de jan. de 2018.

Condições de Reprodução/Divulgação:
 Com restrição Sem restrição

Documentos/Mídias Relacionadas:
Catálogo de compra Cenco Instruments Corporation.

Observações: O mecanismo da base superior do objeto não funciona corretamente, assim o nível de afastamento entre os dois suportes que comportam respectivamente, um vidro e um espelho circular, não consegue realizar grandes afastamentos, todavia, o equipamento ainda funciona.

Preenchido por / data: Kimberly Terrany Alves Pires - 02/01/2018
Revisão / data de modificação: Kimberly Terrany Alves Pires - 25/01/2018

Legenda: Descritores - Número de registro; Número do inventário; Número de patrimônio; Outros números; Denominação; Título; Classificação; Situação; Localização; Fabricante/autor; Local de produção; Data de produção; Tipo de aquisição; Data de aquisição; Dimensões; Materiais; Estado de conservação; Descrição física do objeto (descrição intrínseca); Dados históricos (descrição extrínseca); Restaur; Condições de reprodução/ divulgação; Documentos/ mídias relacionadas; Observações; Preenchido por/ data; Revisão/ data de modificação. Fonte: PIRES, 2018: 78-81.

O trabalho dos alunos trouxe informações importantes que valorizaram o acervo e demonstraram a necessidade de ampliar a pesquisa a todas as peças, bem como de tratamento museológico da coleção, tendo em vista a inexistência de registros (fichas ou outros instrumentos), ausência de sistema de numeração museológica, de identificação das peças e registro fotográfico, bem como nenhuma forma de controle sistemático dos itens. Tal demanda foi observada não somente pelos estudantes, mas também pelo corpo técnico dos LEF¹⁷ que, percebendo a relevância dos objetos sob sua guarda, relativo à história do ensino de Física, sentiu a necessidade de melhor organizar o acervo de acordo com as diretrizes museológicas, visando sua maior preservação e divulgação. Nesse sentido, foi proposto o projeto de *Gestão de Acervos Museológicos*, que realizou

16 Para mais informações sobre o processo de pesquisa realizado na disciplina BIB03103 - Tópicos Especiais em Pesquisa Museológica e resultados obtidos, sugere-se a leitura de um artigo derivado de uma das investigações executadas: PIRES, Kimberly Terrany Alves; FARIA, Ana Carolina Gelmini de. Pesquisa museológica: uma ferramenta para a produção de conhecimento científico e educativo - um estudo de caso no Acervo Museológico dos Laboratórios de Ensino de Física da UFRGS. *Museologia e Patrimônio*, v.13, n.1, 2020. Disponível em: <http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/view/798/724>. Acesso em: 29 dez. 2021.

17 Os técnicos do LEF, que acompanharam o projeto, são os físicos Gabriel Cury Perrone e Lara Elena Sobreira Gomes.

A indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão a partir da documentação museológica: as experiências do curso de Museologia da UFRGS

suas atividades no Instituto de Física entre março de 2018 e fevereiro de 2019, disponibilizando o acervo no repositório Tainacan em maio de 2019.

O projeto parte da consideração de que os acervos musealizados são documentos, portanto fontes de informação. O registro documental das coleções integra a sua preservação e, na medida em que as informações podem ser recuperadas, constituem-se em fontes de produção de conhecimento, conforme nos aponta Cândido (2006: 36):

[...] a documentação de acervos museológicos é procedimento essencial dentro de um museu, representando o conjunto de informações sobre os objetos por meio da palavra (documentação textual) e da imagem (documentação iconográfica). Trata-se, ao mesmo tempo, de um sistema de recuperação de informação capaz de transformar acervos em fontes de pesquisa científica e/ou agentes de transmissão de conhecimento, o que exige a aplicação de conceitos e técnicas próprios, além de algumas convenções, visando à padronização de conteúdos e linguagens.

A decisão de utilizar a plataforma Tainacan para a divulgação do acervo do Instituto de Física já estava colocada, pois a ferramenta já vinha sendo experimentada pelo grupo de docentes e discentes desde 2017 no programa que registra as memórias do curso de Museologia/UFRGS acima descrito. Entretanto, anterior à inserção dos itens do AMLEF no Tainacan, se fazia necessário um tratamento documental visando o registro padronizado das informações intrínsecas e extrínsecas, possibilitando sua posterior recuperação. Isso significou a determinação de um sistema de numeração, o registro fotográfico das peças, a escolha de um vocabulário controlado para a catalogação das coleções, que no caso do AMLEF foi o *Thesaurus de Acervos Científicos em Língua Portuguesa*¹⁸ e a realização da própria inventariação do acervo. Todos esses procedimentos são contemplados na disciplina BIB03210 - *Documentação em Museus*, da segunda etapa do curso. Assim, os bolsistas e discentes participantes do projeto puderam aplicar os conhecimentos desenvolvidos em sala de aula, retomando leituras e construindo os instrumentos de registros das coleções do AMLEF.

A segunda experiência ocorreu junto ao acervo artístico da Pinacoteca Barão de Santo Ângelo (PBSA), vinculado ao Instituto de Artes (IA) da Universidade, entre março de 2019 e fevereiro de 2020 e trouxe novos desafios. A Pinacoteca nasceu com a criação do Instituto Livre de Belas Artes do Rio Grande do Sul (ILBA), em 1908, constituindo-se em uma das mais tradicionais escolas de Artes do Brasil (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, s.d.). A constituição de seu acervo deu-se inicialmente com a aquisição de obras que serviam de modelo aos estudantes de desenho da instituição e, a partir de 1939, foi ampliado com as edições dos Salões de Belas Artes do Rio Grande do Sul, promovidos e sediados no IA entre 1939 e 1956. As obras premiadas do Salão eram integradas ao Instituto de Artes.

Atualmente, o acervo artístico da PBSA - constituído por pinturas, desenhos e esculturas - abarca uma grande diversidade de materiais e técnicas de composição. O seu coordenador é o professor Paulo Cesar Ribeiro Gomes, que se mostrou interessado em divulgar o acervo através da plataforma Tainacan, tendo em vista que o site institucional da Pinacoteca¹⁹ estava apresentando

18 O *Thesaurus de Acervos Científicos em Língua Portuguesa* encontra-se disponível em: <http://thesaurusonline.museus.ul.pt/>. Acesso em: 23 dez. 2021.

19 Para conhecer virtualmente a Pinacoteca Barão de Santo Ângelo, disponível em: <http://www.ufrgs.br/acervoartes/>. Acesso em: 23 dez. 2021.

problemas de formato e hospedagem, não comportando ampliação da inserção de informações. Nessa condição, o site da PBSA disponibilizava em torno de 600 obras, num universo de cerca de 1.980 itens que compõem o acervo. Nesse sentido, a implantação e migração dos dados do acervo artístico para o Tainacan representava uma solução para o problema enfrentado na divulgação das coleções da PBSA.

Diferentemente do AMLEF, a Pinacoteca possuía seu acervo inventariado em planilha Excel e também em fichas de identificação das obras, apresentando documentação e controle das coleções.

A primeira etapa do trabalho com o acervo da PBSA foi a realização de um diagnóstico dos registros feitos sobre as obras, verificando os campos integrantes do inventário da coleção existente em planilha Excel. O inventário da PBSA, inicialmente composto por 21 metadados, foi comparado com os metadados do Inventário Nacional de Bens Culturais Musealizados, que foi o padrão referência adotado também para a organização das informações do AMLEF²⁰. Ou seja, foi realizado um comparativo entre metadados do inventário já existente e os indicados pelo Inventário Nacional verificando-se a compatibilidade dos dados, mantendo-se os obrigatórios do Inventário Nacional e acrescentando outros que a Pinacoteca considerava importantes²¹, resultando em uma ficha com 34 itens descritivos (Figura 9).

20 Destaca-se que o Ibram utiliza os itens informacionais indicados para o Inventário Nacional de Bens Culturais Musealizados (INBCM), como padrão de descrição na publicização digital dos acervos dos seus museus na plataforma Tainacan. Nesse sentido, Oliveira e Feitosa (2021: 75) consideram que: “Para além de ser um instrumento para proteção e difusão dos bens culturais musealizados, o INBCM supre a carência de um padrão nacional para a descrição de informação sobre o objeto museológico, em nível de inventário. São muitos os benefícios na adoção de um padrão para a documentação museológica dentre os quais a possibilidade dos museus “falarem uma mesma língua”, realizarem intercâmbio de informações, além de permitir a busca integrada dos dados”.

21 Nesse processo foram verificados também o *Dublin Core* e o *VRA Core 4.0*. *Dublin Core* é um de padrão de metadados existente e utilizado por museus, sendo: “um esquema de metadados mais utilizado para descrever objetos digitais, tais como imagens, áudios, vídeos, textos e recursos *Web*, promovendo a interoperabilidade semântica e a recuperação de informação de forma mais rápida. O *Dublin Core* é composto por 15 elementos de metadados (INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS, 2020: 68). O *VRA Core*, pode ser visto como uma extensão do *Dublin Core* (DC), dirigido especificamente aos recursos visuais. O *VRA Core* tem como referência o *Categories for the Description of Works of Art* (CDWA), e faz a distinção entre obras originais (pintura, escultura, obra arquitetônica) e reproduções de obras de arte (slides, fotografias digitais, etc.). É considerado o único padrão de metadados projetado especificamente para a descrição de imagens e objetos culturais, sendo capaz de capturar informações descritivas sobre a obra de arte e a imagem, indicando as relações entre elas.

A indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão a partir da documentação museológica: as experiências do curso de Museologia da UFRGS

Figura 9 - Layout da página de um item da PBSA no repositório Tainacan

Legenda: *Descritores* - Miniatura; Autor; Título; Data de reprodução; Denominação; Número de registro; Tags; Classificação; Subcoleções; Local de produção; Dimensões com moldura; Dimensões; Suporte; Técnica; Descrição física do objeto (descrição intrínseca); Comentários; Procedência; Data de aquisição; Doador; Mídias relacionadas; Condições de reprodução. Fonte: <https://www.ufrgs.br/acervopbsa>. Acesso: 29 dez. 2021.

O trabalho desenvolvido na PBSA demonstrou claramente que a disponibilização de informações dos acervos no ambiente Web, seja através da plataforma Tainacan ou de qualquer outra, deve ser realizada de forma estruturada, baseada em padrões de metadados²², a fim de permitir a recuperação da informação e a interoperabilidade entre plataformas e sistemas. Assim,

A utilização de padrões de metadados nas coleções de museu facilita a troca de dados entre museus que utilizam o mesmo padrão, auxiliam a recuperação automática da informação e promovem a consistência nos bancos de dados, tornando mais fácil o compartilhamento de informações entre eles, pois tanto os padrões de conteúdo, padrões externos, códigos e regras são determinantes não só para a padronização da sintaxe dos metadados, mas também para a padronização nos valores de representação (ZENG, QIN, 2008 apud LIMA; SANTOS; SEGUNDO, 2016: 56).

Lima, Santos e Segundo (2016) indicam que a busca de padronização na descrição dos itens é algo relativamente recente no Brasil, que começa a ocorrer a partir da necessidade dos nossos museus em disponibilizar as coleções em formato digital, gerando a necessidade de uso de padrões de metadados. A experiência vivenciada na Pinacoteca deixou evidente a necessidade de abordar no curso de Museologia essas questões derivadas do desafio contemporâneo da publicização do nosso patrimônio em formato digital. Nesse sentido, mesmo que de forma introdutória, a disciplina BIB03270 - *Sistemas de Informação em Museus*, implantada a partir do segundo semestre de 2019, com leituras de trabalhos de pesquisadores da Museologia e da Ciência da Informação, objetiva trazer essa discussão aos alunos.

²² O termo “metadado” é relativo à descrição de informações. Assim, metadados podem ser definidos como: “Atributos que representam uma entidade (objeto no mundo real) em um sistema de informação. Em outras palavras, são elementos descritivos ou atributos referencias codificados que representam características próprias ou atribuídas às entidades; são ainda dados que descrevem outros dados em um sistema de informação, com o intuito de identificar de forma única uma entidade (recurso informacional) para posterior recuperação” (ALVES, 2010, p.47 apud LIMA; SANTOS; SEGUNDO, 2016: 54).

As duas experiências apontadas permitiram que se consolidasse uma metodologia de trabalho do projeto de *Gestão de Acervos da UFRGS* iniciando sempre pelo diagnóstico da gestão documental do acervo, verificando, por exemplo: se existe inventário - parcial ou total - da coleção, o período em que foi realizado e/ou revisado, checando as informações; se os itens são fotografados e qual a qualidade das imagens; se é utilizado vocabulário controlado na descrição dos itens e também a indicação precisa do local de guarda do acervo e a verificação da identificação das peças com número de registro correspondente. Feito esse levantamento, consegue-se planejar as atividades que culminarão na inserção dos dados no Tainacan. Por exemplo, no caso do AMLEF foi necessário identificar as peças minimamente, incluindo a criação de número de registro, identificação do local de guarda e registro fotográfico do acervo antes de iniciar o estudo dos metadados necessários. Como o total de itens do acervo era relativamente pequeno (330), foi possível realizar o trabalho no tempo de duração do projeto, mas quando se trata de acervos mais numerosos, seleciona-se uma das coleções para realizar o tratamento.

Após o diagnóstico inicial e a resolução de possíveis lacunas identificadas é que se parte para o tratamento das informações visando sua inserção na plataforma Tainacan, que pode ser resumida em quatro momentos:

1. Estudo e seleção dos metadados, tendo como referência os itens descritivos obrigatórios do INBCM, realizando um comparativo com os metadados já utilizados pela instituição, se for o caso, e acrescentando outros de acordo com a tipologia do acervo, atendendo à demanda das equipes técnicas locais²³;
2. Definição da configuração dos metadados no Tainacan²⁴ e do vocabulário controlado (thesaurus) a ser utilizado na catalogação;
3. Elaboração do manual de preenchimento do Tainacan com as indicações de como acessar o repositório e de como preencher cada metadado, buscando uma uniformização e diminuição de dissociações;
4. Instalação e inserção das informações dos itens do acervo no Tainacan, conforme normatizado no manual de preenchimento²⁵.

Cabe observar que a metodologia de trabalho inclui a escolha do repositório digital a ser utilizado, entretanto isso já está definido na criação do Projeto de Extensão, que indica o uso do Tainacan. Tal decisão deu-se a partir da experiência positiva que a equipe identificou no programa de extensão *Museologia na UFRGS: Trajetórias e Memórias*, pioneiro no uso dessa plataforma na UFRGS.

Paralelo ao desenvolvimento do projeto de extensão junto ao acervo da PBSA, mas atrelado a ele, pois a execução do trabalho de extensão aproximou a equipe da Pinacoteca aos docentes e discentes do curso de Museologia e revelou o potencial de pesquisa de muitos itens do acervo, ocorreu, no segundo semestre de 2019, a disciplina eletiva BIB03103 - *Tópicos Especiais em Pesquisa*

23 O uso dos itens descritivos obrigatórios do INBCM dá-se em função da possibilidade de futura interoperabilidade entre os acervos da Remam e também na preparação para integrar o Inventário Nacional quando este for demandado pelo Ibram, já efetuando o registro dos elementos mínimos de identificação das coleções.

24 Para maiores informações consultar <https://tainacan.github.io/tainacan-wiki/#/pt-br/metadata>. Acesso em: 29 dez. 2021.

25 Etapa em que é decidido sobre a publicização do acervo e realizada a configuração do layout do tema Tainacan com a identidade visual da instituição.

A indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão a partir da documentação museológica: as experiências do curso de Museologia da UFRGS

Museológica. O coordenador da PBSA, professor Paulo Gomes, indicou obras que careciam de pesquisa aprofundada e os alunos escolheram algumas delas para serem investigadas ao longo do semestre letivo (Figura 10).

Figura 10 - Discentes pesquisando o acervo da PBSA - coleta de informações intrínsecas das obras



Fonte: Das autoras, 2019.

Da mesma forma como ocorrido na experiência de 2017, foi produzido um dossiê final com o resultado das pesquisas realizadas, entregue ao coordenador da Pinacoteca²⁶. Entretanto, destaca-se que nessa experiência, a ficha catalográfica confeccionada e anexada aos artigos seguiu os itens descritivos que a equipe do Projeto de Extensão já tinha desenvolvido, bem como as instruções de preenchimento constante no Manual de Preenchimento que também fez parte do trabalho desenvolvido no projeto. Assim, os discentes ao concluir a pesquisa forneceram a ficha preenchida conforme os padrões estabelecidos pela equipe para posterior inclusão das informações no Tainacan da PBSA (Figura 11).

²⁶ O dossiê *Acervos da Pinacoteca Barão de Santo Ângelo: um exercício de pesquisa museológica*, resultado final da edição de 2019/2 da disciplina eletiva BIB03103 - , foi entregue em 2020 diretamente ao corpo institucional da Pinacoteca Barão de Santo Ângelo. Caso tenha interesse de obtê-lo, sugere-se encaminhar um e-mail às autoras solicitando a versão digital do trabalho.

Figura 11 - Layout da ficha catalográfica proposta pelos discentes para a PBSA

<p>APÊNDICE</p> <hr/> <div style="text-align: center;"><p>FICHA CATALOGRÁFICA DO ACERVO DO INSTITUTO DE ARTES</p><p>SISTEMA TAINACAN</p><p>MINIATURA DE SENHORA TEREZA ZUKAUSKAS</p><div style="display: flex; justify-content: space-around;"></div></div> <p>1-DENOMINAÇÃO (Taxonomia) <input checked="" type="checkbox"/> Escultura</p> <p>2- NÚMERO DE REGISTRO (Caixa de texto) 531</p> <p>3-TÍTULO (Caixa de texto) Sra. Tereza Zukauskas</p> <p>4-OUTROS NÚMEROS (Caixa de texto) Não existe</p> <p>5-NÚMERO DE PATRIMÔNIO (Caixa de texto) UFRGS 096157</p> <p>6-TAGS (Taxonomia) Pinacoteca Barão de Santo Ângelo; Francisco Stockinger; Xico; Busto; Gesso patinado; Tereza Zukauskas; 1955; VI Salão de Belas Artes do Rio Grande do Sul; Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.</p> <p>Representa a jornalista Maria Therezinha Rodrigues Zukauskas (1930 - 2010), sua colega no jornal A Hora de Porto Alegre/RS. A obra de José Francisco Alves (2012, p. 24, 142) traz referências acerca da produção e representação da mesma.</p> <p>22-PROCEDÊNCIA (Caixa de texto) Brasil, Rio Grande do Sul, Porto Alegre</p> <p>23-DATA DE AQUISIÇÃO (Texto simples) [sem informação].</p> <p>24-FORMA DE AQUISIÇÃO (Taxonomia) [sem informação]</p> <p>25- DOADOR (Taxonomia) [Sem informação]</p> <p>26- ESTADO DE CONSERVAÇÃO (taxonomia) Regular: Obra em condições razoáveis apresenta soluções de continuidade no gesso e na pátina em percentuais maiores nas regiões nasal, labial, malar esquerda, auriculares, orbitulares e cervical. Fissuras. Significativa ausência de gesso na região occipital de formato elíptico, com bordas parcialmente definidas.</p> <p>28- REFERÊNCIAS (Caixa de texto) ALVES, José Francisco. <i>Stockinger: vida e obra</i>. Porto Alegre: MultiArtes, 2012. 308 p. CAVALCANTI, Susete Z. <i>Sra. Tereza Zukauskas – Dona Branca</i>. Artigo acadêmico BIB03103. Disponível em <https://moodle.ufrgs.br>. Acesso em 17 dez. 2019. GOMES, Paulo et al (Org.). <i>A Pinacoteca Barão de Santo Ângelo: Catálogo Geral 1910 - 2014</i>. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2015. 2 v. SALÃO DE BELAS ARTES DO RIO GRANDE DO SUL, 5., 1954. Porto Alegre. <i>8º Salão de Belas Artes do Rio Grande do Sul</i>. Porto Alegre: Est. Gráfico Santa Terezinha Ltda, 1954. 1 v. SALÃO DE BELAS ARTES DO RIO GRANDE DO SUL, 6., 1955. Porto Alegre. <i>6º Salão de Belas Artes do Rio Grande do Sul</i>. Porto Alegre: Est. Gráfico Santa Terezinha Ltda, 1955. 1 v. UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. Instituto de Artes. Acervo de arte: escultura. 2019. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/acervoartes/obras/escultura/escultura/xico-stockinger1/view>. Acesso em: 24 out. 2019</p> <p>29-CONDIÇÕES REPRODUÇÃO (Caixa de texto) Autorizada, desde que citada a fonte.</p>	<p>7-CLASSIFICAÇÃO (taxonomia) 02 Artes Visuais 02.3 Escultura Termo específico: Busto</p> <p>8-SUBCOLEÇÕES (taxonomia) ÁLBUM XICO STOCKINGER</p> <p>9-SITUAÇÃO (Taxonomia) <input checked="" type="checkbox"/> Localizado</p> <p>10-LOCALIZAÇÃO (Taxonomia) Reserva Técnica da Pinacoteca Barão de Santo Ângelo do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul</p> <p>11-AUTOR (Taxonomia) STOCKINGER, Francisco STOCKINGER, Franz XICO</p> <p>12-ASSINATURA (Taxonomia) <input checked="" type="checkbox"/> possui</p> <p>13-LOCAL DE PRODUÇÃO (Caixa de texto) Brasil, Rio Grande do Sul, Porto Alegre</p> <p>14-DATA DE PRODUÇÃO (texto) [1955]</p> <p>16-DIMENSÕES (Caixa de texto) (1: 45,5 cm); (2: 39 cm); (3: 22 cm)</p> <p>18- SUPORTE (Taxonomia) <input checked="" type="checkbox"/> Gesso</p> <p>19-TÉCNICA (Taxonomia) <input checked="" type="checkbox"/> Moldagem</p> <p>20-DESCRIÇÃO FÍSICA DO OBJETO (Caixa de texto) Escultura em gesso patinado representando uma figura humana feminina, jovem, rosto arredondado, nariz reto, boca cerrada, cabelos curtos em mechas. Ao observador, no dorso (região escapular), lado direito, apresenta a inscrição "Stockinger 1955".</p> <p>21-COMENTÁRIOS/DADOS HISTÓRICOS (Caixa de texto) O registro da obra aparece no catálogo do concurso de esculturas do 6º Salão de Belas Artes do Rio Grande do Sul de dezembro de 1955, p. 7, referida como obra de inscrição número "19 – Sra. Tereza Zukauskas" do participante Franz Stockinger.</p> <p>30-OBSERVAÇÕES ADICIONAIS (Caixa de texto) Em dezembro de 1955, o busto em gesso patinado "Sra. Tereza Zukauskas" participou do concurso de esculturas no 6º Salão de Belas Artes do Rio Grande do Sul (1955, p. 7) em Porto Alegre, promovido pelo Instituto de Belas Artes, não logrando premiação. Em 2013, foi analisado com vistas a um futuro tratamento conservador, (higienização mecânica, consolidação de fissuras, nivelamento da superfície, remoção de manchas) por Caroline Peixoto Pires, em seu estágio curricular do curso de Conservação e Restauro de Bens Culturais Móveis da Universidade Federal de Pelotas-RS, no Instituto de Artes da UFRGS. O respectivo laudo pertence ao acervo IAUFRGS. De agosto a novembro de 2019, participou da mostra "Stockinger 100 anos" no Museu de Artes do Rio Grande do Sul (MARGS), comemorativa ao centésimo ano de nascimento do artista. Curadoria: Francisco Dalcol e Fernanda Medeiros. O relatório de gestão de bens do Instituto de Artes da UFRGS consigna a data de tombamento do bem nº 096157: [17/03/1982]. Refere que se trata de bem próprio, mas não traz outras informações acerca da aquisição. José Francisco Alves (2012, p. 142) cita que "possivelmente, tenha sido doado pelo artista ao Instituto de Belas Artes [...], o atual Instituto de Artes, da UFRGS." "Sra. Tereza Zukauskas" é referida também como "Dona Branca" na documentação do Instituto de Artes/UFRGS. Cabe esclarecer que, no 5º Salão de Belas Artes (1954, p. 12), o artista inscreveu no concurso a obra "Dona Branca". O mesmo autor (2012, p.142,146, 147) refere a existência da obra "Branca, ca. 1953", busto feminino em gesso, no acervo do Museu de Artes do Rio Grande do Sul (MARGS).</p> <p>31- FOTO (Caixa de texto) Imagens obtidas pela responsável pelo preenchimento da ficha durante a exposição "Stockinger – 100 anos" – MARGS em outubro/2019.</p> <p>Preenchimento da ficha: Susete Z A Cavalcanti, UFRGS 00083847, dezembro/2019</p>
---	--

Legenda: *Descritores* - Denominação; Número de registro; Título; Outros números; Número de Patrimônio; Tags; Classificação; Subcoleções; Situação; Localização; Autor; Assinatura; Local de reprodução; Data de reprodução; Dimensões; Suporte; Técnica; Descrição física do objeto; Comentários/dados históricos; Procedência; Data de aquisição; Forma de aquisição; Doador; Estado de conservação; Referências; Condições de reprodução; Observações adicionais; Foto; Preenchimento da ficha. Fonte: CAVALCANTI, 2020: 80-83.

A indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão a partir da documentação museológica: as experiências do curso de Museologia da UFRGS

Os trabalhos desenvolvidos nas duas edições mencionadas da disciplina eletiva BIB03103 - *Tópicos Especiais em Pesquisa Museológica* proporcionou uma experiência interessante, onde os discentes exercitaram diferentes linguagens na divulgação dos resultados das pesquisas realizadas: no formato acadêmico, através de um artigo científico e, no que poderíamos denominar, formato documental, com a elaboração de fichas utilizando os metadados para descrição do acervo. No caso da PBSA, metadados já estabelecidos e, na experiência do AMLEF, com os alunos da disciplina elegendo os metadados da ficha. Nesse sentido, os objetos das coleções são tomados como fontes de conhecimento, fomentando pesquisas com seus resultados divulgados pelas instituições através de repositório digital com a referência do artigo produzido para quem desejar fazer a leitura do trabalho.

Também ressalta-se que muitas vezes os registros dos acervos são formados quase que unicamente de informações intrínsecas, tendo em vista que as informações extrínsecas exigem pesquisas mais aprofundadas demandando tempo de trabalho que as equipes técnicas, em sua grande maioria composta por número reduzidos de pessoas, não consegue realizar. Assim, na metodologia que vem sendo adotada na disciplina eletiva BIB03223 - *Tópicos Especiais em Documentação Museológica*, atrelada às unidades onde o projeto de extensão de *Gestão de Acervos da UFRGS* é desenvolvido, experimenta-se a articulação entre pesquisa, ensino e extensão, aproximando discentes, extensionistas e as equipes técnicas locais.

Considerações Finais

As experiências apresentadas indicam como a documentação museológica está sendo abordada no curso de Museologia/UFRGS, atrelada ao ensino, à pesquisa e à extensão. A efetivação de duas atividades extensionistas - programa *Museologia na UFRGS: trajetórias e memórias* e projeto *Gestão de Acervos Museológicos da UFRGS* - implementadas nos anos 2017 e 2018 respectivamente, e ainda em vigor, alavancou a ampliação da carga horária do ensino de documentação museológica na grade curricular da graduação. O curso de Museologia desde sua criação em 2008, até 2019, contava com apenas uma disciplina obrigatória nesta área do conhecimento. Os processos que envolveram o desenvolvimento das atividades extensionistas indicadas demonstraram a necessidade de ampliar as discussões relativas à questão de gestão documental e divulgação dos acervos na web, criando-se a disciplina de BIB03270 - *Sistemas de Informação em Museus*.

As perspectivas teórico-práticas na formação do profissional museólogo, no que tange a documentação, destacam-se nos últimos anos por envolver a pesquisa museológica. Nesse sentido, a disciplina eletiva BIB03103 - *Tópicos Especiais em Pesquisa Museológica*, existente desde a criação do Curso, exerce um importante papel, tendo em vista que propõe a pesquisa de itens dos acervos dos museus pertencentes à Remam, onde o projeto de extensão *Gestão de Acervos Museológicos na UFRGS* tem atuado. O trabalho resulta em produção de dossiê com artigos científicos e na sistematização das informações em fichas de catalogação para que as unidades pesquisadas possam alimentar a plataforma Tainacan. Nesse sentido, a produção acadêmica é também elaborada em uma linguagem documentária, de acordo com as diretrizes da documentação museológica.

Acredita-se que o encaminhamento de ações voltadas para a gestão de acervos, documentação museológica e pesquisa museológica propostas por disciplinas, projetos de pesquisas e iniciativas de extensão possam garantir a visibilidade dos acervos de caráter museológico, potencializando novas pesquisas sobre a perspectiva do patrimônio cultural. Destaca-se ainda, ao que se refere aos acervos museais universitários, a importância de valorizá-los enquanto fontes de informação da trajetória da pesquisa e do ensino na UFRGS e sua contribuição no desenvolvimento da ciência local, regional, nacional ou mesmo internacional. Tal movimento acaba por ser também um ato de militância em prol da construção de uma política interna da UFRGS comprometida com seu patrimônio cultural, valorizando a importância da *Remam* e, conseqüentemente, a necessidade de investimento por parte da Universidade na preservação de sua história representada através da cultura material.

Portanto, a parceria entre os discentes, docentes, técnicos da Universidade e membros extensionistas que as atividades de ensino e de extensão na área de documentação museológica descritas promovem, colaboram na organização, preservação e divulgação do patrimônio cultural da UFRGS e estimulam reflexões sobre a documentação museológica na contemporaneidade.

Os desafios contemporâneos da documentação museológica são imensos, a atuação do curso de Museologia da UFRGS tem enfrentado diferenças significativas no que tange as rotinas de gestão de acervo das instituições parceiras e sensibilizado sobre a importância de uma atuação comprometida dos espaços com a produção e difusão da informação vinculada a um acervo valorizado enquanto patrimônio cultural. Defende-se, enquanto profissionais do campo museal, o estímulo de um trabalho coletivo no desenvolvimento teórico-prático da documentação museológica, fundamentado na parceria, troca de ideias e compartilhamento de soluções. A indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão potencializa uma formação acadêmica articulada com demandas sociais, valorizando que os futuros museólogos a partir das experiências oportunizadas adquiram autonomia de processar e (re)elaborar o conhecimento da área de acordo com as demandas que a sociedade lhe apresente.

Referências

ÁVILA, Bruno Tenório; SILVA, Milena; CAVALCANTE, Leonice. Uso de repositórios digitais como fonte de informação por membros das universidades federais brasileiras. *Inf. & Soc.:Est.*, João Pessoa, v.27, n.3, p. 97-120, set./dez. 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/31514/18973>. Acesso em: 29 dez. 2021.

BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil de 1988*. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm Acesso em: 21 dez. 2021.

CÂNDIDO, Maria Inês. Documentação Museológica. In: SECRETARIA DE ESTADO DE CULTURA DE MINAS GERAIS. *Caderno de Diretrizes Museológicas 1*. 2. ed. Brasília: Ministério da Cultura/IPHAN/DEMU; Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura/ Superintendência de Museus, 2006. p. 31-90. Disponível em: https://www.sisemsp.org.br/blog/wp-content/uploads/2015/04/Caderno_Diretrizes_1-Completo-1.pdf. Acesso em: 21 dez. 2021.

A indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão a partir da documentação museológica: as experiências do curso de Museologia da UFRGS

CAVALCANTI, Susete J. Zaar Andersen. Sra. Tereza Zukauskas - Dona Branca. In: TORRESINI, Anelise Maria Spinato; et. al. *Acervos da Pinacoteca Barão de Santo Ângelo: um exercício de pesquisa museológica*, 2020. p.57-83. [Dossiê da disciplina BIB03103 - *Tópicos Especiais em Pesquisa Museológica* do curso de Museologia da UFRGS entregue à Pinacoteca Barão de Santo Ângelo].

CERAVOLO, Suely Moraes. *Museus e geração de informação: embates práticos. Anais do II Seminário Serviços de Informação em Museus*. São Paulo, 2012.

CERAVOLO, Suely Moraes; TÁLAMO, Maria de Fátima. Os museus e a representação do conhecimento: uma retrospectiva sobre a documentação em museus e o processamento da informação. *VIII ENANCIB - Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação*, Bahia, 2007. 10p. Disponível em: <http://www.enancib.ppgci.ufba.br/artigos/GT2--012.pdf>. Acesso em: 21 dez. 2021.

DIAS, Calíope Victor Spíndola de Miranda; MARTINS, Dalton Lopes. Iniciativas brasileiras em torno da construção de uma política nacional para acervos digitais de instituições de memória: o desafio da memória em tempos de cultura digital. In: *Pol. Cult. Rev.*, Salvador, v. 13, n. 1, p. 16-46, jan./jun. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/pculturais/article/view/35616>. Acesso em: 29 dez. 2021.

FABICO. *Organização curricular - Museologia*, s.d. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/fabico/graduacao/museologia/organizacao-curricular>. Acesso em: 29 dez. 2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. *Acervos digitais nos museus: manual para realização de projetos*. Instituto Brasileiro de Museus; Universidade Federal de Goiás - Brasília, DF: Ibram, 2020. Disponível em: <https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2021/05/Acervos-Digitais-nos-Museus.pdf>. Acesso em: 23 dez. 2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. *Acervos em Rede*, s.d. Disponível em: <https://www.museus.gov.br/acessoainformacao/acoes-e-programas/acervo-em-rede>. Acesso em: 21 dez. 2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. *Resolução Normativa nº 2*, de 29 de agosto de 2014, 2014. Disponível em: https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2014/09/ResolucaoNormativa2_INBCM.pdf. Acesso em: 15 dez. 2021.

LIMA, Fábio Rogério Batista; SANTOS, Plácida Leopoldina V.A. C.; SEGUNDO, José Eduardo Santarém. Padrão de metadados no domínio museológico. *Perspectivas em Ciência da Informação*, Belo Horizonte, v.21, n.3, p.50- 69, jul./set. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/ijpci/a/SrN8qVHNnkYgTBBSvmdJs/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10 out. 2021.

MARTINS, Dalton; CARVALHO JUNIOR, José Murilo Costa. Memória como prática na cultura digital. In: Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR. *Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nos equipamentos culturais brasileiros: Tic cultura 2016*. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2017. p.45-52. Disponível em: <https://cetic.br/publicacao/pesquisa-sobre-o-uso-das-tecnologias-da-informacao-e-comunicacao-nos-equipamentos-culturais-brasileiros/> Acesso em: 29 dez. 2021.

MASSON, Sílvia Mendes. Os Repositórios digitais no âmbito da Sociedade Informativa. In: *PRISMA.COM*, n.7, p.105-152, 2008. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/78914>. Acesso em: 29 dez. 2021.

MUSEOLOGIA NA UFRGS: TRAJETÓRIAS E MEMÓRIAS. *Início*, s.d. Disponível em: <https://memoriamslufrgs.online/taianacan/>. Acesso em: 29 dez. 2021.

OLIVEIRA, Amanda de Almeida; FEITOSA, Alexandre César Avelino. A difusão digital nos museus IBRAM: a implantação do projeto Tainacan. *Revista Eletrônica Ventilando Acervos*, v. especial, n.1, p.70-90, jul.2021. Disponível em: <https://ventilandoacervos.museus.gov.br/wp-content/uploads/2021/08/A5-Amanda-de-Almeida.pdf>. Acesso em: 10 out. 2021.

PINACOTECA BARÃO DE SANTO ÂNGELO. *Acervo Artístico*, 2019. Disponível em: www.ufrgs.br/acervopbsa. Acesso em: 25 ago. 2021.

PIRES, Kimberly Terrany Alves Pires. Interfêmetro de Michelson e Fabry-Perot. In: ROSA, Alahna Santos da; et. al. *O acervo museológico do Laboratório de Ensino de Física: um exercício de pesquisa museológica*, 2018. p.63-82. [Dossiê da disciplina BIB03103 - Tópicos Especiais em Pesquisa Museológica do curso de Museologia da UFRGS entregue ao Laboratório de Ensino de Física].

SERRANO, Rossana Maria Souto Maior. Conceitos de extensão universitária: um diálogo com Paulo Freire. In: *Pró-reitoria de extensão e assuntos comunitários* - PRAC, João Pessoa, fev. 2006. Disponível em: <https://docero.com.br/doc/eecx810> Acesso em: 29 dez. 2021.

SOUZA, Cidara Loguercio; FAGUNDES, Lígia Ketzer; LEITZKE, Maria Cristina Padilha (orgs.). *Guia Remam 2012- 2014: conhecendo os acervos e museus da UFRGS*. Porto Alegre, 2014. 40p. Disponível em: <https://fdocumentos.tips/document/guia-remam-2012-2014.html>. Acesso em: 21 dez. 2021.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação. Curso de Bacharelado em Museologia. *Projeto Pedagógico Museologia*, 2019. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/fabico/graduacao/museologia/projeto-pedagogico>. Acesso em: 29 dez. 2021.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. Instituto de Artes. *Histórico*, s.d. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/acervoartes/historico> . Acesso em: 25 ago. 2021.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. *Plano de Desenvolvimento Institucional - PDI 2016-2020: construa o futuro da UFRGS*. Porto Alegre: UFRGS, 2016. Disponível em: http://www.ufrgs.br/pdi/PDI_2016a2026_UFRGS.pdf. Acesso em: 29 dez. 2021.

Recebido em dezembro 2021

Aprovado em abril de 2022